

Signos do
Amor 

O coração do

LEÃO

MIA SHERIDAN



ARQUEIRO

MIA SHERIDAN

O coração do
LEÃO





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Este livro é dedicado ao meu marido. Você é a
inspiração da vida real para todos os heróis de ficção
que minha mente e meu coração inventam.

O leão

Um amante ardente e um guerreiro corajoso por instinto.

e

capítulo 1

EVIE, 14 anos

LEO, 15 anos

*E*stou sentada no telhado do lado de fora da janela do meu quarto, à noite, olhando para o céu escuro, observando o vapor da minha respiração subir no ar frio de novembro. Enrolo a manta rosa surrada com mais força ao redor do corpo e descanso a cabeça sobre meus joelhos dobrados. De repente uma pedrinha aterrissa perto de mim no telhado e logo desliza de volta para baixo até cair no chão. Levanto a cabeça e sorrio quando o escuto começar a escalar a treliça caindo aos pedaços na lateral da casa. Se ele engordar mais meio quilo, aquela coisa decrépita não o sustentará mais. Mas isso não importa agora. Ele não estará aqui para escalá-la. Sinto um aperto no coração ao pensar nisso, mas controlo minha expressão quando ele finalmente chega à beira do telhado e engatinha até mim, todo desengonçado, muito alto e magro, os cabelos louro-escuros. Ele dá um sorriso caloroso, deixando à mostra o espaço entre os dentes da frente que eu tanto amo, e se senta ao meu lado. Me inclino na direção dele e permanecemos sentados, as testas encostadas, por vários minutos, olhando nos olhos um do outro, antes de ele suspirar e endireitar o corpo.

– Acho que não vou conseguir sobreviver sem você, Evie – diz, e parece estar segurando as lágrimas.

Dou uma pancadinha com o ombro no ombro dele.

– Isso é um pouco dramático, não acha, Leo? – retruco, tentando arrancar-lhe um sorriso.

Funciona.

Mas o sorriso logo desaparece. Leo esfrega a mão no rosto, fica quieto por um instante e diz:

– Não. É um fato.

Não sei o que responder. Como posso confortá-lo se me sinto exatamente do mesmo jeito?

Ele olha para mim de novo e voltamos a nos encarar.

– Por que está me encarando? – pergunto, usando uma frase que sei que Leo vai entender.

Foi a primeira coisa que disse a ele quando nos conhecemos.

Por um instante, a expressão de Leo não se altera. Então, lentamente, um sorriso toma conta de seu semblante.

– Porque gosto do seu rosto – retruca ele, sorrindo abertamente agora, mostrando de novo o espaço entre os dentes e também repetindo a frase que disse quando nos conhecemos.

Ele é magrelo, desengonçado e tem os cabelos desgrenhados, mas é o garoto mais lindo que já vi. Não quero jamais deixar de olhar para ele. Não quero jamais ficar longe dele. Mas Leo está se mudando para o outro lado do país, e não há nada que possamos fazer em relação a isso. Nós nos conhecemos no primeiro lar adotivo para onde fomos mandados. Ele é meu melhor amigo no mundo todo, o garoto que passei a amar mais que tudo, o garoto que conseguiu me fazer acreditar que era seguro sonhar. Mas Leo está sendo adotado definitivamente. Estou muito feliz por ele enfim ter uma família, porque é muito raro isso acontecer com adolescentes. Mas, ao mesmo tempo, tenho a sensação de que meu coração está se partindo.

Leo me olha intensamente agora, como se pudesse ler a minha mente. E é claro que pode. Talvez eu seja um livro aberto, ou talvez o amor seja como uma lupa com a qual o dono do nosso coração enxerga o fundo da nossa alma.

Ele continua me encarando em silêncio por vários segundos, e então percebo por seu semblante que ele tomou uma decisão. Antes que eu possa imaginar qual foi, Leo se inclina na minha direção e roça os lábios de forma delicada nos meus. Pequenas fagulhas parecem acender no ar ao nosso redor e estremeço levemente. Ele chega mais perto, segura meu rosto entre as mãos e olha bem dentro dos meus olhos, os lábios ainda a poucos centímetros dos meus. E sussurra:

– Vou beijá-la agora, Evie, e quando isso acontecer vai significar que você é minha. Não me interessa a distância que haverá entre nós. Você. É. Minha. Vou esperar você. E quero que me espere também. Prometa que não vai deixar mais ninguém tocá-la. Prometa que vai se guardar para mim e apenas para mim.

O mundo todo parou e só existimos nós dois, sentados ali naquele telhado, em uma noite de novembro.

– Sim – sussurro em resposta, a palavra reverberando na minha mente.

Sim, sim, sim, um milhão de vezes sim.

Ele faz uma pausa, os olhos ainda fixos nos meus, e sinto vontade de gritar “Me beije logo!”. Meu corpo está inebriado com a expectativa.

De repente a boca dele está de novo na minha e ISSO é que é beijo. Ele começa com delicadeza, os lábios mordiscando os meus. Mas então algo dentro dele parece mudar e, do nada, Leo está passando a língua por toda a extensão dos meus lábios, pedindo para entrar. Um arrepio percorre minha espinha quando abro a boca para recebê-lo e deixo escapar um gemido involuntário. Ao me ouvir, ele geme também. Sua língua flerta com a minha – acariciando, duelando gentilmente – e sinto como se meu corpo fosse implodir de prazer apenas por sentir o sabor dele. Nós nos tocamos atrapalhadamente por algum tempo, e até nossa inexperiência é deliciosa nessa exploração mútua. Ao menos é o que acho, e espero que ele também. Estamos aprendendo, decorando a forma e os sabores da boca um do outro. Logo já somos como dois parceiros de dança, nos movendo em perfeita sintonia, criando uma coreografia apaixonada de lábios e línguas.

Eu me deito sobre o telhado, abraçando-o, enquanto continuamos a nos beijar. Nos beijamos por horas, dias, semanas, por uma vida inteira talvez. Nosso beijo é uma abençoada distração. É demais e não chega nem perto de ser o suficiente.

É meu primeiro beijo e sei que também é o primeiro de Leo. E é perfeito.

De repente, sinto algo frio e úmido atingir meu rosto e isso me desperta. Abro os olhos e ele também, e ambos vemos flocos de neve grandes e fofos caindo a nosso redor. Rimos, encantados. É como se os anjos houvessem preparado aquele show apenas para nós, para tornar o momento mais inesquecível das nossas vidas ainda mais mágico.

Leo rola de cima de mim e me sinto congelar no mesmo instante. Sei que preciso entrar e que ele precisa voltar para casa. Essa constatação me atinge com força e sinto um nó na garganta. Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Ele me puxa para junto de si e nos agarramos um ao outro por um longo tempo, enquanto reunimos forças para nos despedirmos.

Leo me afasta e a expressão atormentada em seu rosto é de cortar o coração.

– Isto não é um adeus, Evie. Lembre-se da nossa promessa. Nunca se esqueça dela. Eu voltarei para você. Vou escrever mandando meu endereço novo assim que chegar a San Diego e assim vamos nos manter em contato. Quero poder carregar suas cartas comigo para relê-las sem parar. Também

vou mandar meu número de telefone, só para garantir, mas quero que me escreva, está bem? Então, antes que nos demos conta, você terá 18 anos e poderei voltar para você. Vamos construir uma vida juntos.

– Está certo – sussurro. – Escreva para mim assim que chegar lá, está bem?

– Farei isso. Será a primeira coisa que farei.

Ele me puxa uma última vez para um abraço e seca com beijos as lágrimas no meu rosto. Então se vira e segue em direção à treliça. Quando já está começando a descer, Leo se volta para olhar para mim e diz baixinho:

– Para sempre, será apenas você, Evie.

Essa é a última coisa que ele me diz. Nunca mais vi Leo.

capítulo 2

Oito anos depois

Alguém está me seguindo. O homem já vem fazendo isso há uma semana e meia. E não tem a menor habilidade. Eu o percebi quase de imediato e venho observando-o enquanto ele me observa. Com certeza, não é um profissional. Mas não consigo encontrar uma única razão para alguém estar me seguindo pela cidade. Sobretudo alguém com a aparência desse cara. Ouvi dizer que uma das razões por que vários assassinos em série têm sucesso em atrair suas vítimas é o fato de serem homens de boa aparência, gentis, comuns. Mas ainda não consigo acreditar que o Adônis que vem me rastreando é alguém com quem eu precise me preocupar muito, mesmo sendo cautelosa. Talvez esteja sendo ingênua, mas é apenas um pressentimento. O modo como cresci me treinou para reconhecer de imediato uma ameaça, e não é essa a sensação que tenho com esse homem. Além do mais, ele não parece ser do tipo que daria uma pancada na cabeça de uma mulher e a arrastaria para um beco escuro. Está mais para alguém que seria levado até lá *por ela*. Posicionei estrategicamente um estojo de pó compacto para observá-lo pelo espelho, espiei por uma fresta nas persianas da minha casa e pelo reflexo nas vitrines das lojas – fiz tudo isso com tanta facilidade que fiquei quase envergonhada pelos talentos risíveis dele como perseguidor. É claro que o cara não seria contratado por alguma organização ninja, nunca, em lugar algum.

Mas permanece a dúvida. O que ele quer? Tenho que acreditar que é um caso de confusão de identidade. Talvez ele seja mesmo um investigador particular incompetente, trabalhando para alguém, e tenha colado na garota errada.

Hoje ele não está me seguindo, o que é bom, já que estou indo a um velório e preferiria não ter essa distração. Willow vai ser enterrada hoje. A linda Willow, batizada assim – salgueiro, em inglês – em homenagem à

árvore, com seus galhos longos, feitos para ondular e se dobrar ao vento. Mas Willow não se dobrou quando o vento frio soprou. Ela quebrou. Se espatifou. Decidiu que não aguentava mais e enfiou a agulha de uma seringa no braço. Sinto a respiração presa na garganta quando me lembro de seu belo rosto, sempre marcado pela expressão triste e cautelosa.

Crescemos juntas em um lar adotivo e a vida de nenhuma das duas começou como um conto de fadas. Eu a conheci na primeira casa para onde fui mandada, depois de um vizinho chamar a polícia por causa do barulho que vinha da festinha que minha mãe biológica estava dando. Quando os policiais apareceram, eu estava sentada no sofá, com meu pijama rosa dos Ursinhos Carinhosos, do lado de um cara que cheirava a dente podre e cerveja e estava com a mão dentro da minha roupa. O cara estava chapado demais para se afastar de mim rápido o suficiente, e havia vários saquinhos de metanfetamina em cima da mesa de centro. Minha mãe estava sentada no sofá à minha frente, observando tudo com uma expressão de desinteresse. Não sei se ela simplesmente não se importava ou se também estava chapada demais para se importar. Acho que, no fim das contas, isso não tinha realmente importância.

Fiquei sentada, imóvel, enquanto os policiais afastavam o homem de perto de mim. Àquela altura, eu já havia aprendido que não adiantava brigar. Desaparecer era a minha melhor opção, e se eu não conseguisse me enfiar dentro de um armário ou embaixo de uma cama, então dava um jeito de sumir dentro da minha própria cabeça. Eu tinha 10 anos.

Acho que aquele primeiro lar adotivo era igual a uma gaveta de tranqueiras. Sabe, tipo aquela que você tem na cozinha, na qual guarda todos os cacarecos que não têm utilidade e que você não sabe mais onde colocar? Éramos todos como peças aleatórias jogadas ali, sem relação uns com os outros a não ser o fato de sermos todos *tranqueiras*.

Alguns dias depois que eu cheguei, Willow apareceu, uma loirinha com jeito de fada e olhos sombrios. Ela não falava muito, mas naquela primeira noite subiu na minha cama, se acomodou entre mim e a parede e encolheu o corpo como uma bola. Durante o sono choramingou e implorou para que alguém parasse de machucá-la. Não precisei de muita imaginação para deduzir o que acontecera com ela.

Tomei conta dela o máximo que pude depois disso, mesmo Willow sendo apenas um ano mais nova. Nenhuma de nós era exatamente uma

força a ser levada em consideração – duas garotas maltratadas, que já haviam aprendido que confiar nas pessoas era um negócio arriscado –, mas Willow parecia ainda mais frágil do que eu, e o menor dos maus-tratos já a deixava em frangalhos. Por isso eu assumia toda a responsabilidade e aceitava os castigos por coisas que tinham sido culpa dela. Deixava que ela dormisse toda noite comigo e contava histórias para tentar acalmá-la e afastar os fantasmas que a assombravam. Eu não tinha muita coisa neste mundo, mas era boa em contar histórias e sempre inventava uma nova para tentar dar sentido aos pesadelos dela. Para dizer a verdade, as histórias eram tanto para mim quanto para ela. Eu estava tentando entender, também.

Ao longo dos anos, fiz o que pude para amar aquela garota, Deus sabe disso. Mas, por mais que eu quisesse, e por mais que tentasse, não consegui salvar Willow. Acho que ninguém teria conseguido, porque a triste realidade era que ela não queria ser salva. Havia se convencido, desde bem cedo, de que não era digna de amor. Essa mentira se entranhou em sua alma e Willow passou a vivê-la e respirá-la. Isso foi a base para todas as escolhas que ela fez e para todos os corações que partiu, inclusive o meu.

Um mês depois de Willow e eu termos nos mudado para aquele lar adotivo, um garoto de 11 anos apareceu por lá. Era alto, magrelo e bravo. Chamava-se Leo, grunhia sim e não como resposta para os responsáveis pelo lar adotivo e mal olhava nos olhos das pessoas. Quando ele chegou, estava com um braço engessado, com manchas roxas já começando a ficar amareladas no rosto e marcas no pescoço que pareciam ter sido causadas pela pressão de dedos. Ele dava a impressão de ter raiva do mundo e meu bom senso me dizia que devia ter uma boa razão para isso.

Leo... Leo. Mas sei que não posso pensar nele. Não me permito fazer isso, porque é doloroso demais. De tudo o que já passei na vida, ele é a única coisa em que não consigo pensar por muito tempo. Leo tem um lugar no meu passado e é lá que o deixo... até o ponto que minha mente e meu coração conseguem.

Sou arrancada do meu devaneio quando o pastor sinaliza que eu vá até a frente, para o elogio fúnebre. Infelizmente, Willow nunca fez amizade com ninguém capaz de se levantar da sarjeta às nove da manhã de um domingo, por isso minha plateia é pequena e pelo menos metade dela é de pessoas de ressaca, se não ainda bêbadas. Posto-me atrás do púlpito, encaro o grupo e, nesse momento, eu o vejo, inclinado contra uma árvore, vários

metros afastado do resto dos presentes. Vê-lo ali me surpreende. Eu tinha certeza de que não estava sendo seguida. Mas como e por que o homem estaria ali se não houvesse me seguido? Não tenho nenhuma dúvida de que nunca o vi com Willow. Teria me lembrado de um cara como ele. Encaro meu perseguidor misterioso por um instante e ele mantém o contato visual, com uma expressão indecifrável no rosto. Essa é a primeira vez que nossos olhares se encontram. Balanço a cabeça levemente, volto a me concentrar e começo a falar.

– Era uma vez uma garotinha muito linda e muito especial, que foi mandada por anjos para uma terra distante, para ter uma vida encantada, cheia de amor e felicidade. Eles a chamavam de Princesa de Vidro, porque sua risada lembrava o tilintar dos sinos de vidro pendurados no portão do paraíso, que badalavam cada vez que uma nova alma era recepcionada. Mas o nome era muito apropriado também porque a garotinha era muito sensível, amava profundamente e tinha um coração muito fácil de ser partido.

Faço uma pausa rápida e continuo:

– Durante os preparativos para a viagem dela a essa terra distante, um dos anjos mais novos cometeu um erro, houve uma confusão e a Princesa de Vidro acabou sendo mandada a um lugar aonde não deveria ir, um lugar feio, escuro, dominado por gárgulas e criaturas do mal. Mas quando uma alma é colocada dentro de um corpo humano, a situação é permanente e não pode ser modificada. Apesar de os anjos terem chorado de angústia pelo destino que a Princesa de Vidro teria que suportar, não havia nada que pudessem fazer a não ser observá-la e tentar encaminhá-la na direção certa, longe da terra das gárgulas e das criaturas do mal. Infelizmente, logo depois que a Princesa de Vidro chegou a essa terra, a crueldade das bestas ao redor provocou uma enorme rachadura em seu coração sensível. E embora muitas outras criaturas menos malvados tenham tentado amar e cuidar da princesa, porque ela era linda e muito fácil de amar, o coração dela continuou a rachar até se esfacelar por completo, ficando partido para sempre.

Fico em silêncio por um momento e então prossigo:

– A princesa fechou os olhos pela última vez, pensando em todos os monstros que haviam sido tão cruéis com ela e feito seu coração se despedaçar. Mas criaturas do mal, não importa quão transtornadas sejam, nunca têm a última palavra. Os anjos, sempre por perto, desceram do paraíso e carregaram a Princesa de Vidro de volta para lá, onde curaram seu coração

partido de uma vez por todas. A princesa abriu os olhos, deu seu lindo sorriso e sua linda risada, que ainda soava como o tilintar dos sinos de vidro, como sempre. A Princesa de Vidro enfim estava em casa.

Volto para o meu lugar, passando no meio no grupo reunido, alguns rostos distraídos, outros ligeiramente confusos. Tenho certeza de que estão se perguntando por que acabo de narrar um conto de fadas infantil no velório de uma viciada em drogas. Mas isso é entre mim e Willow. Sei que, em algum lugar, ela ouviu a história e está sorrindo. Olho de relance para o homem apoiado na árvore e ele parece paralisado, os olhos ainda fixos nos meus. Franzo a testa de leve. Se eu conhecia bem Willow, a presença daquele sujeito ali não significa boa coisa. Será que ela devia dinheiro a alguém? Ele vem me seguindo para descobrir se posso pagar a dívida dela? Franzo a testa de novo. Com certeza, não. Acho que depois de trinta segundos fica perfeitamente claro que meus investimentos financeiros são... hã... *inexistentes*.

– Não entendi muito bem o que você disse, querida, mas foi bonito – comenta Sherry, colega de apartamento de Willow.

Com “colega de apartamento”, quero dizer que era na casa dela que Willow passava a noite quando não estava por aí com algum namorado.

Sherry é um pouco dura e aparenta uns dez anos a mais do que sua idade verdadeira. Seus cabelos são pintados de louro, mas a raiz de 2 centímetros é preta, entremeada de fios grisalhos. Ela está usando um decote generoso demais para um velório... aliás, é generoso demais até para uma boate com mulheres dançando dentro de gaiolas. A pele é curtida e castigada pelo sol e Sherry tem uma grossa camada de maquiagem aplicada no rosto. Os sapatos plataforma estilo stripper arrematam o visual. Mas, apesar da série de gafes em matéria de moda, ela tem um bom coração e tentou ao máximo ser amiga de Willow. No entanto, acabou aprendendo a mesma lição que eu: se alguém está determinado a se autodestruir, não há muito o que se possa fazer a respeito.

Quando volto a olhar, o homem misterioso sumiu.

capítulo 3

Fui de ônibus para o cemitério, mas Sherry me dá uma carona de volta para minha casa. Quando saio apressada do carro, acenando, depois de lhe agradecer, ela grita:

– Vê se não some, querida!

Entro correndo no apartamento e troco o vestido preto sem mangas e os sapatos de salto do velório pelo meu uniforme de trabalho. Sou camareira no Hilton durante o dia e trabalho em meio expediente como garçonne para um bufê, em geral nos fins de semana à noite, ou quando me chamam. Não é glamuroso, mas faço o que preciso para pagar o aluguel. Eu me sustento e tenho orgulho disso. Sabia que no dia em que completasse 18 anos, teria que ir embora do lar adotivo da vez, e isso ao mesmo tempo me empolgava e me deixava em pânico. Finalmente deixei de fazer parte do sistema, e estava livre para viver do jeito que queria e decidir meu destino, mas também estava mais solitária do que nunca. Sem família e sem rede de segurança para me amparar se caísse, eu não tinha mais a garantia nem de um teto nem de três refeições por dia. Precisei acalmar a mim mesma durante os ataques de pânico que tive. Mas quatro anos se passaram e estou indo bem. Quero dizer, depende da sua definição de “bem”... acho que é muito relativo.

Não é que eu não queira mais. Sei que tenho a tendência de “não correr riscos” em relação à maioria das coisas, incluindo ambição. Mas também sei que já passei por dificuldades suficientes para uma vida inteira. Não correr riscos pode ser tedioso, mas também é um desejo para quem nunca viveu assim antes. Por enquanto, estou satisfeita.

Depois de descer do ônibus no centro da cidade, caminho rápido até a entrada de serviço do hotel enorme e bato o ponto bem na hora. Abasteço o carrinho de limpeza e sigo até o último andar do prédio, onde fica a

cobertura. Bato delicadamente na porta e, como não há resposta, abro-a com meu cartão. Entro com o carrinho e dou uma olhada no quarto. Pareceria vago se não estivesse um tanto bagunçado, então começo a fazer a cama. Ligo meu iPod e canto junto com Rihanna. Sorrio e rebolo enquanto coloco um lençol limpo na cama king size. Essa é uma das coisas que adoro nesse trabalho. Posso ficar perdida em meus próprios pensamentos e a limpeza é apenas uma atividade monótona de fundo. Jogo o edredom limpo sobre a cama e já estou começando a esticá-lo quando percebo um movimento pelo canto dos olhos. Eu me viro, sobressaltada, e deixo escapar um som abafado de surpresa. Há um homem parado atrás de mim, com um sorriso afetado no rosto, apoiado contra o batente da porta com um ar despreocupado. Tiro os fones de ouvido e pisco rapidamente, envergonhada.

– Desculpe – digo. – Achei que não havia ninguém no quarto. Se quiser que eu volte mais tarde, não há problema nenhum.

Passo as mãos pela saia do uniforme, nervosa. O olhar dele segue minhas mãos e desce até minhas pernas antes de voltar lentamente a encontrar meus olhos. Meu coração está acelerado e sinto uma onda de ansiedade me dominar.

Começo a rodar o carrinho em direção à porta. Ele se adianta com rapidez, me pegando de surpresa, e segura a barra do carrinho.

– Não precisa, sério – diz ele, a voz suave. – Já estávamos de saída. Eu estava só curtindo o show.

O homem sorri e seu olhar percorre meu corpo preguiçosamente de novo, dos pés aos seios. Eu mudo de posição, inquieta, me sentindo desconfortável. Nesse momento, uma mulher entra no quarto. É linda, os cabelos louros bem penteados, a maquiagem impecável, e fico constrangida no mesmo instante. Aceno com a cabeça na direção dela e começo a caminhar em direção à porta.

– Eu volto mais tarde – murmuro.

Mas os dois também estão seguindo para a porta e a mulher diz:

– Estamos realmente saindo. Fique e termine o trabalho. – Ela me lança um olhar de desdém, dá de ombros e acrescenta: – E certifique-se de esvaziar a lata de lixo. A última garota que limpou o quarto esqueceu.

O homem sorri para ela e dá um tapinha em seu traseiro quando a mulher passa pela porta. Ela deixa escapar uma risadinha.

Fico imóvel por um minuto depois de eles fecharem a porta ao sair, tentando recuperar a atitude descontraída de antes. Mas meu ânimo mudou subitamente e me sinto melancólica de um modo em que não quero pensar muito.

Termino meu turno e, quando estou batendo o ponto para sair, minha amiga Nicole aparece atrás de mim e também bate o dela.

– Esnobes cretinos do décimo segundo – resmungo. – Juro que parece que alguns hóspedes foram criados em um estábulo. Levo duas horas para limpar três quartos naquele andar. Nojento. Nem queira saber. Agora estou atrasada para pegar Kaylee. Você vai comigo até o ponto? Meu carro está na oficina. – Ela pega o casaco enquanto fala.

Sorrio para Nicole e me encolho em meu próprio casaco enquanto caminhamos para a porta.

– Poderíamos criar uma lista de itens “para ajudar a equipe de camareiras” para entregarmos quando os hóspedes fizessem o check-in. O que acha? – sugiro em tom sarcástico.

– Sim! Número um, por favor, pelo amor de Deus, enrole suas camisinhas usadas em papel higiênico e jogue-as no lixo. Está além das atribuições do meu cargo ter que esfregar suas... *coisas* secas no tapete porque você jogou a camisinha embaixo da cama.

Simulo um som de vômito, mas estou rindo enquanto andamos apressadas para o ponto de ônibus.

– Muito bem – continuo. – Número dois, por favor, não corte as unhas dos pés na cama. Prefiro não ser atacada por uma chuva de pedaços de unha quando sacudo seus lençóis e depois ter que ficar de quatro no chão catando todos eles.

– Ah, meu Deus! Sério? Que porcos!

Mas ela também está rindo, enquanto balança os cabelos louros.

O ônibus dela está chegando ao ponto ao mesmo tempo que nós e só consigo lhe dar um abraço rápido.

– Vejo você na quarta à noite – digo, depois atravesso a rua para o ponto onde vou pegar o meu ônibus, que vai na direção oposta.

Nicole sempre me faz sorrir com seu jeito descontraído e seu senso de humor. Ela é casada com um cara fantástico chamado Mike e eles têm uma filha de 4 anos, Kaylee. Ele é eletricista e ganha bem, mas Nicole trabalha como camareira uns dois dias na semana para conseguir uma renda extra e,

como ela mesma diz, aumentar seu orçamento para sapatos. Nicole é louca por sapatos e, quanto mais altos, melhor. Não sei como ela consegue andar em cima daquelas coisas.

Nós começamos a nos dar bem assim que nos conhecemos no trabalho, há três anos. Nicole e Mike me chamam para jantar pelo menos uma vez por semana. Adoro passar algum tempo com eles e com Kaylee e absorver a alegria e o conforto de uma família amorosa fazendo algo tão simples quanto comer juntos. O que os dois não podem entender completamente é que, para mim, jantar com uma família unida não é apenas especial, é tudo. Tudo o que eu nunca tive.

Nicole e Mike sabem que cresci em lares adotivos, mas não sabem muito mais do que isso. São pessoas boas, trabalhadoras, que moram em uma casa de dois quartos muito bonitinha, em um bairro decente, e não quero levar histórias de vício em drogas, prostituição e abuso sexual para o mundo deles. Não que os dois sejam ingênuos e não imaginem que essas coisas acontecem, mas em muitos sentidos Nicole e Mike são minha bolha, meu porto seguro longe daquele mundo, e quero manter as coisas assim.

Pego na bolsa o romance que estou lendo e me concentro nele enquanto o ônibus começa sua jornada pela cidade até minha casa. Estou tão concentrada na leitura que quase passo do meu ponto e tenho que descer correndo. Caminho os cinco quarteirões até meu prédio, passo pela portaria e balanço a cabeça ao ver que a tranca está quebrada *de novo*. Está certo, a segurança não é exatamente perfeita ali, mas o lugar é limpo e meu apartamento tem uma varanda nos fundos, onde o sol bate e onde cultivo algumas árvores frutíferas em vasos grandes e muitas flores. Às vezes me sento ali fora à noite com um bom livro e me sinto satisfeita. E isso é o bastante.

Estou um tanto desapontada por meu perseguidor obviamente estar de folga nesta noite. Não deixo de notar que esse não é um pensamento dos mais saudáveis. Ainda assim, sorrio.

Entro no boxe para tomar banho e fico parada embaixo do chuveiro por mais tempo do que deveria. Água quente não é de graça... mas me permito esse pequeno luxo hoje, enquanto deixo cair as lágrimas que sabia que viriam por causa de Willow.

– Descanse em paz, princesa – sussurro enquanto a ducha quente cai sobre o meu corpo e se mistura ao choro.

Depois de algum tempo, saio do banho e me seco.

Visto uma calça de malha e um moletom folgado e vou à cozinha para preparar alguma coisa para o jantar. Aqueço um pouco da sopa de legumes que fiz uns dois dias antes e coloco o pão na torradeira. Ainda sobra sopa suficiente para encher um recipiente pequeno. Faço isso e vou até o apartamento da Sra. Jenner. Bato de leve na porta. Quando ela atende, sorrio e pergunto:

– Já jantou? Se ainda não tiver comido nada, trouxe um pouco de sopa de legumes que eu fiz.

Sei que a renda da Sra. Jenner é muito apertada desde que o marido morreu, por isso, sempre que tenho alguma coisa extra, levo para ela.

A Sra. Jenner sorri, animada, e responde:

– Ah, querida, você é sempre tão gentil. Muito obrigada.

Retribuo o sorriso.

– De nada. Boa noite, Sra. Jenner.

De volta à minha cozinha, coloco meu próprio jantar em uma bandeja e levo-o para o único outro cômodo, que é bem pequeno. Sento no chão e encosto no sofá de dois lugares enquanto como. Não há espaço para muitos móveis em uma quitinete, mas tudo bem, porque não recebo ninguém mesmo. Coloco o DVD de *Um sonho de liberdade* e começo a assistir. Não gasto o pouco que me sobra em TV a cabo, por isso tenho que me contentar com os DVDs que compro em bazares. Como normalmente prefiro ler, não me importo.

Depois de lavar a louça, acabo pegando no sono diante da TV e, quando enfim me arrasto para a cama, já passa da meia-noite.

e

O alarme toca às sete da manhã. Saio da cama e visto minha roupa de corrida. O dia está frio, por isso coloco os protetores de ouvido e o casaco de flanela. Passo uns dois minutos me alongando do lado de fora do prédio e, quando começo a descer a rua, a respiração sai em nuvens brancas de vapor à minha frente. Aperto na mão a chave da porta que está em meu bolso, como aprendi com o instrutor de autodefesa em um curso que fiz na escola técnica. Isso me acalma. Continuo a segurar a chave até chegar à trilha de corrida já meio cheia no parque, então fecho o zíper do bolso em que está a chave, coloco os fones de ouvido e pressiono o play no meu iPod. Corro os 5 quilômetros habituais e volto para casa me sentindo forte e cheia de energia.

Tomo um banho rápido de chuveiro e seco meus cabelos longos e escuros. Depois de prendê-los em um rabo de cavalo, visto uma calça jeans velha e um suéter cinza largo. É meu dia de folga e só vou passear sem rumo, dar um pulo na biblioteca e passar o resto do dia na minha varanda, embaixo de uma manta, com um bom livro e uma xícara de chá. Me pergunto se com isso eu me qualificaria para receber a aposentadoria mais cedo. Enquanto outras garotas de 22 anos devem estar descansando para ir a alguma boate tarde da noite, eu aumento minha coleção de chá. *Pois é...*

Meia hora mais tarde, depois de fazer a cama e dar uma rápida arrumada no apartamento, estou começando a descer a rua em direção à biblioteca do bairro quando vejo um BMW prata-escuro estacionado a cerca de um quarteirão do meu prédio. Não entendo nada de carros, mas reparo no nome do modelo que aparece na parte de trás. M6. Dou um sorrisinho. Pelo visto ele está de serviço hoje.

Chego à biblioteca e passo uma hora lá dentro, escolhendo uma nova leva de livros para a semana seguinte. Separo quatro romances, um livro de culinária com receitas de baixo custo e outro sobre a Segunda Guerra Mundial. Posso não ter dinheiro neste momento para fazer uma faculdade, mas o conhecimento está ao alcance de um cartão de membro da biblioteca, por isso escolho um assunto novo para ler a cada semana.

No caminho de volta para casa, noto o homem moreno, alto e bonito mais ou menos um quarteirão atrás de mim, caminhando lentamente e fingindo falar ao celular.

Tomo uma decisão. Sigo direto pelo meu prédio, acelero um pouco o passo e, quando viro a esquina, começo a correr e entro em um beco no meio do quarteirão. Continuo em disparada, com a esperança de conseguir dar a volta e sair atrás do sujeito.

Estou sem fôlego quando dobro de novo a esquina da minha própria rua. Caminho apressada até o fim do quarteirão e espio. Como eu imaginava, ele está parado no meio da rua, claramente confuso e sem saber onde me enfiar. Caminho pé ante pé até ficar atrás dele e digo bem alto:

– É falta de educação perseguir estranhos.

Ele se vira e dá um pulinho para trás enquanto deixa o ar escapar com força pelos lábios entreabertos. Seus olhos estão arregalados.

– Meu Deus! Você quase me matou de susto!

– Eu assustei *você*? – digo, pasma, encarando-o irritada. – É você quem está me seguindo sorratamente. – Inclino a cabeça para o lado. – A propósito, *cão farejador*, quando estiver seguindo alguém, é bom tentar ser um pouco mais discreto. – Aceno na direção dele. – Ficar encarando a vítima no meio da rua tende a denunciá-lo. – Estreito os olhos.

O homem permanece em silêncio, fitando-me intensamente, os lábios entreabertos. *Que lábios ele tem! Lindos...* Não se distraia, Evie. Ele ainda pode ser um assassino em série! Ou, no mínimo, um cara *muito* esquisito.

Coloco as mãos nos quadris.

– Mas não se desespere. Tenho certeza que, com um pouco de esforço, você pode melhorar. Deve haver algum tutorial ou alguma outra coisa que possa ajudá-lo. Quem sabe um livro sobre o assunto? *Como perseguir alguém sorratamente: volume para iniciantes*, talvez. – Ergo uma sobrancelha.

Ele está imóvel e continua a me encarar em silêncio por vários segundos, então cai na gargalhada.

– Ora, ora, você é mesmo uma figura, não é?

Mas há admiração na voz dele. E a risada... Uau, é uma risada *muito* interessante.

Eu o examino por um instante. Meu Deus, eu já tinha achado que ele era bonito antes, mas de perto o homem é devastador! O maxilar quadrado, o nariz reto, os olhos castanhos profundos. Se há alguma imperfeição nele, talvez seja o fato de ser um pouco perfeito *demais* , se é que isso é possível. É alto, tem os ombros largos e é bem masculino, com a sombra da barba por fazer que parece ser proposital, e não por descuido. E quando ele ri, juro que uma parte da minha alma – aquela que guarda segredos até de mim mesma – tenta ir na direção dele, como se a felicidade desse homem fosse um ímã invisível para o meu coração. Que loucura. Nem sequer conheço esse cara. E tenho que me lembrar: perseguidor, potencialmente esquisito e assustador.

– Muito bem – digo. – A brincadeira acabou. Por que está me seguindo?

Estreito mais uma vez os olhos quando o encaro. Para ser sincera, não estou nervosa. Não há nenhuma vibração de perigo vindo desse homem. E já deparei com praticamente todas as formas de sordidez humana. Posso até dizer que sou uma *especialista* nesse assunto.

Então, ele faz algo que me tira do prumo. Passa a mão pelos cabelos grossos, castanho-caramelo, abaixa a cabeça, mas levanta os olhos para mim e

ergue as sobrancelhas de um jeito tímido e inseguro, só que muito, muito sexy. Eu quase desmaio. Aquele olhar, naquele momento, é fatal. Aposto que conquista muitas garotas de imediato só com aquele olhar. Endireito o corpo, chocada com meus pensamentos. Não sou do tipo que desmaie por causa de homem. E menos ainda do tipo que seja conquistada com facilidade.

Volto a mim quando ele fala:

– Estou sendo assim tão óbvio, é?

Então ele tem a decência de parecer envergonhado. Dá um passo na minha direção. Eu recuo um passo. Ele para.

– Não vou machucar você – diz, e parece que o fato de eu desconfiar dele realmente o magoa.

Jura? Preciso lembrá-lo mais uma vez de que é um perseguidor sorrateiro? E, para ser sincera, não estou com medo dele, mas também não o conheço, e manter uma distância saudável de estranhos é sempre uma boa ideia.

– Sim, você está sendo assim tão óbvio. – Inclino a cabeça e minha voz agora é mais gentil: – Chega de joguinhos. Quero saber por que está me seguindo.

Ele parece considerar se deve me responder ou não. Então me olha nos olhos e diz em voz baixa:

– Conheci Leo. Ele me pediu para ver como você estava.

capítulo 4

Meu mundo parece parar de girar e fico paralisada e boquiaberta.

– O quê? – Minha voz sai como um grasnado. Com um nome ele me deixa trêmula, me tira do prumo. Mas me controlo. Esse estranho não precisa saber o efeito que causou em mim. Endireito o corpo e pergunto em uma voz mais firme: – Como assim, conheceu Leo?

Não demonstro o medo que sinto do que pode significar o uso do verbo no passado.

É claro que me perguntei milhares de vezes se alguma coisa grave teria acontecido com Leo, tentando me convencer de que alguma coisa *teria* que ter acontecido para ele não ter entrado em contato comigo durante todos esses anos. E principalmente por ele ter quebrado a promessa de me escrever assim que chegasse a San Diego. Minha mente criou um milhão de cenários naqueles primeiros meses para justificar por que o meu Leo, tão querido e lindo, havia desaparecido no mundo... um acidente de carro quando ia do aeroporto para o novo lar... um ladrão pego de surpresa na casa quando eles chegaram...

Assim que fiz 16 anos, fui até a biblioteca e pesquisei os jornais da Califórnia, da semana em que Leo se mudou, procurando alguma matéria sobre a morte prematura de uma mãe, um pai e um filho adolescente. A cada busca infrutífera sentia ao mesmo tempo alívio e frustração, e meu coração se partia um pouco mais.

Cheguei a criar uma conta falsa no Facebook para procurá-lo, mas não encontrei nada. Eu não tinha uma conta no meu nome na rede social. Havia pessoas de mais do meu passado que poderiam tentar entrar em contato comigo, e *disso* eu com certeza não precisava.

O problema era que eu tinha poucos dados sobre a família que adotara Leo. Sabia apenas que o pai adotivo dele trabalhava em um hospital. Não

sabia se era médico, se fazia parte da administração do hospital ou de outro departamento. Essa informação, a cidade para onde estavam se mudando e o nome e a idade de Leo eram tudo o que eu tinha.

É claro que, com minhas fontes de consulta limitadas – apenas o computador da biblioteca e matérias de jornal antigas –, não era de admirar que eu não houvesse ido muito longe.

Como não tive sucesso nas minhas tentativas de encontrar alguma informação sobre Leo, jurei para mim mesma que pararia de ficar pensando nisso o tempo todo. Era doloroso demais, quase insuportável. Assim, no meu aniversário de 18 anos, o dia em que ele prometera aparecer para me buscar, fechei os olhos, as lágrimas escorrendo pelo rosto, e imaginei Leo sorrindo para mim de cima de um telhado, sob um céu de inverno, e foi ali que o deixei na mente.

Levanto os olhos para o homem que me avalia com a testa levemente franzida. Ele não tenta se aproximar nem me tocar de forma alguma. Eu me viro, ando até os degraus de uma varanda que dá para a rua, alguns metros atrás, me sento e respiro fundo. Minhas pernas estão bambas. Repito a pergunta:

– Como assim, conheceu Leo?

O homem caminha devagar na minha direção e gesticula para a escada onde estou sentada, pedindo permissão silenciosamente para se sentar também. Assinto. Ele se acomoda na outra ponta da escada, um degrau abaixo do meu, se vira um pouco na minha direção e se inclina para a frente, apoiando os cotovelos sobre as coxas musculosas. Sinto o perfume da colônia dele, um delicioso cheiro amadeirado de limpeza. O homem suspira e diz:

– Leo morreu em um acidente de carro no ano passado. Éramos amigos, fazíamos parte do mesmo time da escola. Por alguns dias chegamos a pensar que ele sobreviveria, mas isso não aconteceu. Nós fomos visitá-lo e nesse dia ele me puxou para o lado e me falou um pouco sobre você. E me fez prometer que a procuraria e me certificaria de que você estava bem e feliz. Leo sabia que eu estava me mudando para cá para trabalhar na empresa do meu pai e que seria fácil ver pessoalmente como você estava.

Ele está com a testa franzida e fala devagar, como se para se certificar de que está me dando as informações da maneira correta. E também está escondendo alguma coisa. Não sei muito bem como sei disso, apenas sei.

Me sinto entorpecida e confusa e fico em silêncio por um longo tempo.

– Sei. O que exatamente Leo lhe contou a meu respeito? – pergunto, por fim, abaixando os olhos para o homem.

Ele está me observando com atenção.

– Só que conheceu você em um lar adotivo e que você era especial para ele. Disse que vocês perderam contato, mas que ele sempre se perguntou que rumo a sua vida havia tomado. Só isso.

Não digo nada e ele continua:

– Me mudei para cá em junho, mas levei alguns meses para me instalar. Então finalmente tive tempo para ser o perseguidor sorrateiro que prometi ser.

Ele sorri para mim, me olhando através dos longos cílios cor de caramelo. Mas agora o sorriso é triste, inseguro.

Ofereço um pequeno sorriso em retribuição. Não vou demonstrar quanto as palavras dele sobre Leo me magoam. *Perdemos contato?* E durante todos aqueles anos ele estava vivo, bem, morando em San Diego, e jamais me escreveu nem uma linha, não telefonou nem tentou entrar em contato comigo de qualquer outra maneira? *Por quê?* Nem sei como digerir o fato de ter acabado de saber que ele morreu. Ele está *morto*. Preciso ir para casa e me encolher num canto por algumas horas. Preciso digerir isso. Levanto, ainda trêmula, e o homem se coloca de pé em um pulo ao meu lado. Seco as mãos suadas na minha calça jeans.

– Lamento saber disso – digo por fim. – Parece que você não sabe muito sobre a nossa história, mas Leo foi uma pessoa que quebrou uma promessa que havia me feito. Isso aconteceu há muito tempo e não penso mais nele. Não havia razão para ele pedir que você checasse como eu estava. Se Leo quisesse saber que rumo a minha vida havia tomado, ele mesmo deveria ter entrado em contato comigo antes de... Bem, antes.

Faço uma pausa breve e prossigo:

– Ainda assim, foi gentil da sua parte manter a palavra que deu ao seu amigo. E agora seu trabalho está feito. Aqui estou eu, muito bem. Missão cumprida. Último desejo realizado.

Forço um sorriso, mas tenho certeza de que mais parece uma careta. O homem não sorri de volta. Parece aflito.

– A propósito, posso saber o nome do meu perseguidor particular?

Ele sorri, mas o sorriso não chega aos olhos.

– Jake Madsen – responde, ainda me olhando fixamente.

– Bem, Jake Madsen, ou perseguidor sorrateiro, obviamente você já sabe que meu nome é Evelyn Cruise. E também já sabe que todos me chamam de Evie.

Estendo a mão para apertar a dele e, quando ele encosta nela, seu toque parece produzir minúsculas faíscas. De repente só consigo sentir minha mão. Todas as outras partes do meu corpo que não estão sendo tocadas por Jake Madsen pararam de existir. É muito estranho e me pergunto se ele está sentindo o mesmo. A julgar pelo modo como encara intensamente as nossas mãos, com um pequeno sorriso curvando um dos cantos dos seus lábios, parece que sim. Bem, então acho que existe alguma química entre nós. Grande surpresa... Quem não teria alguma química com um homem desse? Ele provavelmente está rindo por dentro e pensando *Mais uma? Sério?* Tenho certeza de que todos os dias centenas de mulheres se derretem aos pés dele na rua. Deve ser muito bom para ele. E o fato de que estou pensando nisso depois de ter acabado de escutar que o amor da minha vida não está mais neste mundo está me deixando muito, muito confusa, além de bastante assustada, para não falar na mágoa que estou sentindo. Preciso ir embora.

Sou a primeira a me afastar e, quando faço isso, Jake franze a testa e levanta os olhos para encontrar os meus.

– Tchau, Jake – digo.

Então me viro e começo a caminhar em direção ao meu prédio.

– Evie – chama ele.

Eu me viro.

– Vai sentir falta de mim, não vai? – Jake está sorrindo.

– Sabe, Jake... Acho que vou.

Dou um sorrisinho também, volto a me virar e acelero o passo para casa.

Assim que fecho a porta do meu apartamento, arrio no chão, dobro o corpo em posição fetal e choro pelo meu amor, pelo meu Leo. Minhas lágrimas são de tristeza, de perda, de confusão, de mágoa. São lágrimas pelo garoto que perdi e que não me quis. Senti raiva e decepção por todos aqueles anos, mas descubro que ainda sou capaz de sofrer por saber que a linda alma de Leo não caminha mais por esta terra, e a dor de perceber como isso é definitivo é quase demais para suportar.

Finalmente adormeço ali mesmo onde estou, mas já sei por experiências passadas que não é necessário estar acordada para chorar.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br